

## COMUNICAÇÃO

Sensível, respeitosa  
e recíproca com as famílias

### INDICADORES

#### O grupo de trabalho:

- Envolve-se ativamente numa comunicação recíproca com os pais/família para partilhar informação acerca das experiências, saúde e necessidades das crianças.
- Disponibiliza tempo para escutar as famílias atentamente e sem fazer juízos de valor
- Usa vários meios para comunicar com as famílias, incluindo os seus idiomas e preferências de comunicação
- Mantem a confidencialidade de toda a informação acerca da criança e da sua família
- Gere diferenças de opinião entre educador e outros profissionais (psicólogos, nutricionistas...) e oferece informação que permite à família apoiar o sucesso dos filhos, conduzindo a resultados positivos para a criança

Tal como declarado pela Comissão Europeia/EACEA/Eurydice (2016), é inegável a necessidade de um envolvimento completo da família em todos os aspetos do cuidado e educação das crianças. Para atingir esse objetivo, é essencial que se criem as condições para um ambiente amigável, caracterizado pela confiança e abertura entre a família e os educadores, garantindo desta forma uma comunicação e uma parceria eficazes. Criar situações de paridade e partilha de responsabilidades entre os educadores e os pais contribui para a afirmação do Pai-Parceiro (Silva, 2003) e ao estreitar da relação escola-famílias. Os primeiros educadores de uma criança, e quem melhor a conhece, são os pais e a família. Estabelecer e nutrir uma verdadeira comunicação, entre a escola e a família é vantajoso para todos e o principal fator para uma comunicação bem-sucedida é a confiança mútua. Ao trabalharem lado a lado, famílias e educadores devem **envolver-se numa comunicação exaustiva que permita a partilha de informação acerca das experiências, saúde e necessidades das crianças, contribuindo assim para intervenções conjuntas que apoiem o desenvolvimento geral das crianças enquanto respeitam as suas singularidades.**

Na sua relação diária com a família, os educadores enfrentam alguns desafios. São relações onde coexistem diferentes culturas e estruturas familiares e a comunicação que os serviços estabelecem com os pais/famílias requer tempo e disponibilidade efetiva por parte dos educadores, que têm que ser

capazes **de escutar as preocupações, vontades e expectativas dos pais e famílias de cada criança.**

O tempo é um fator de grande importância na comunicação com os pais. Os momentos de chegada e partida à instituição destinam-se exclusivamente à partilha de informação básica sobre a criança. Os educadores têm que saber como escutar, compreender quando existe vontade de uma conversa mais compreensiva por parte dos pais e aperceber-se de quando lhes devem dedicar mais tempo. Os pais devem ter a oportunidade de falar com o educador da criança, que será capaz de lidar com as suas vontades, dúvidas ou problemas.

Esta forma de comunicação, básica na relação escola-família, salienta a importância do perfil intelectual, técnico, relacional e moral do educador de infância. As dimensões intelectual e técnica, estão relacionadas com o facto de o educador necessitar de ser um perito e especialista em questões do conhecimento, a dimensão relacional está ligada ao educador como agente de desenvolvimento humano (Formosinho, 2001) e a dimensão moral está relacionada com as interações com os outros, nomeadamente as famílias: como as tratamos, como as ouvimos e que respeito e atenção lhes damos (Neves, 2015). Em resumo, é responsabilidade do educador escutar os pais e as famílias atentamente e de forma ativa. **Para poder estabelecer uma interação em que ambas as partes sejam entendidas como parceiros educativos, o educador tem, naturalmente, que se abster de fazer críticas ou juízos**

**de valor.** Para a existência de uma comunicação efetiva, aberta à diversidade cultural e aos recursos e disponibilidade da família, **o uso de meios de comunicação variados pode ser bastante produtivo.**

Os meios de comunicação adotados e oferecidos pelos profissionais de educação e cuidados na primeira infância, podem ser digitais, escritos ou presenciais (reuniões formais ou informais). Diferentes meios podem ser usados em conjunto e devem ser escolhidos de acordo com as preferências das famílias e o conteúdo da informação a comunicar. As estratégias de comunicação adotadas devem assegurar que toda a informação é recebida por todas as famílias, especialmente aquele cujo idioma nativo é diferente. Como tal, é importante que os educadores da primeira infância promovam uma comunicação assídua acerca do progresso, interesses, necessidades e experiências das crianças, selecionando para tal, meios que permitam que a interação com a família decorra de forma simples, atempada e eficaz. Os educadores necessitam de compreender que esta interação deve ser um processo dialógico e bilateral em que educadores e famílias em conjunto partilham e discutem informação acerca das crianças (cf. Fevorinil & LomônacoII, 2009). O envolvimento das famílias nos contextos educativos, implica o uso de meios que permitam às duas partes compreenderem-se entre si, visto a comunicação ser a ferramenta que proporciona a relação escola-família (Bhering & Siraj-Blatchford, 1999; Bhering & De Nez, 2002).

**Manter a confidencialidade de toda a informação acerca da criança e da sua família é um fator de extrema importância na qualidade da relação entre famílias e profissionais de educação para a primeira infância.** Este princípio tem por base questões éticas como o respeito pela privacidade do indivíduo, e questões relacionadas com a importância de nutrir uma relação de confiança que facilite e promova a partilha de informação, o que é relevante para atingir os objetivos das atividades realizadas com crianças. O educador deve ter sempre presente que trabalha com pessoas muito vulneráveis – as crianças e as suas famílias. É habitualmente visto como uma pessoa em quem estes podem confiar e com quem se podem abrir, porque sabem que é assegurado o sigilo da informação partilhada e o que educador os tentará ajudar – através de competências próprias ou orientando-os para o serviço mais adequado para a “resolução dos seus possíveis problemas”. Apesar de por vezes ter utilidade, a partilha de informação acerca da criança e da sua família tem obrigatoriamente que ter o consentimento da família e deve ter sempre, como objetivo último, o benefício das crianças. Uma cultura de comunicação com base no estabelecimento de uma parceria de confiança entre famílias e profissionais da educação facilita as transições e a continuidade educativa entre diferentes contextos, gerando assim benefícios para as crianças (European Commission / EACEA/Eurydice, 2016). A diversidade de opiniões entre as famílias, a escola e os profissionais de educação de infância (psicólogos, nutricionistas...) deve ser encarada

como o grande potencial que permite a construção de um espaço educativo partilhado e seguro no seio da comunidade. A troca, a discussão e a comparação de opiniões, fazem parte integral da construção de uma comunidade educativa verdadeiramente viva.

Em contrapartida, a imposição de opiniões fortes, como por exemplo as de um profissional, em detrimento de outras opiniões (das famílias), é uma prática ainda bastante comum no ambiente escolar, mas que gradualmente e de forma constante deve ser eliminada.

**Frequentemente, os educadores agem como mediadores entre pais que têm diferentes perspetivas e ambições na educação dos seus filhos.** É importante que haja respeito mútuo e que todos tenham a oportunidade de expressar a sua opinião livremente nos processos de comunicação, e o educador deve dar o exemplo através da sua conduta e das suas ações. Como tal, o papel desempenhado pela escola (e pelos educadores) deve ser o de acolher todas as opiniões e permitir que estas sejam discutidas para que o seu **sistema possa ser adaptado às necessidades das crianças.** Ou seja, a comunidade educativa, deve reconstruir-se e adaptar-se à diversidade de que faz parte. A escola e os educadores devem funcionar como uma plataforma capaz de acolher opiniões, perspetivas e experiências de diferentes ângulos e em diferentes formas e inclui-los no seu trabalho de modo a que provoque mudança e traga benefícios às crianças. Desta forma, as crianças, que são, a essência do processo educativo, beneficiam de uma nova gestão da escola e da sua

mudança para um sistema educativo seguro e inclusivo, construído de forma partilhada democrática e livre, através de comunicação aberta e transparente.

## LITERATURA

- Bhering, E. & Siraj-Blatchford, I. (1999). A relação escola-pais: Um modelo de trocas e colaboração. *Cadernos de Pesquisa*, (106), 191-216.
- Bhering, E. & De Nez, T. B. (2002). Envolvimento de pais em creche: Possibilidades e dificuldades de parceria. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 18(1), 63-73.
- Bronfenbrenner U., *The ecology of human development: Experiments by Nature and Design*, Harvard University Press, 1979.
- European Commission Working Group on Early Childhood Education and Care (2014). *Proposal for key principles of a Quality Framework for Early Childhood Education and Care*. [http://ec.europa.eu/dgs/education\\_culture/repository/education/policy/strategic-framework/archive/documents/ecec-quality-framework\\_en.pdf](http://ec.europa.eu/dgs/education_culture/repository/education/policy/strategic-framework/archive/documents/ecec-quality-framework_en.pdf)
- European Commission/EACEA/Eurydice (2016). *Structural Indicators for Monitoring Education and Training Systems in Europe – 2016*. Eurydice Background Report to the Education and Training Monitor 2016. Eurydice Report. Luxembourg: Publications Office of the European Union. [http://eacea.ec.europa.eu/education/eurydice/documents/thematic\\_reports/190EN.pdf](http://eacea.ec.europa.eu/education/eurydice/documents/thematic_reports/190EN.pdf)
- Favorinil, L. & Lomônacoll, J. (2009). Family involvement in children's education: an exploratory study based on middle class parents. *Psicologia da Educação*, n. 28, 73-89. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-69752009000100005&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752009000100005&lng=pt&tlng=pt)
- Formosinho, J. (2001). A formação prática dos professores: da prática docente na instituição de formação à prática pedagógica nas escolas. *Revista Portuguesa de Formação de Professores*, 1, 37-54.
- Neves, I. (2015). Um olhar sobre a escola e a ação docente na sociedade contemporânea: dilemas e desafios. *Revista Tendências pedagógicas*, 26, 237-252.
- Silva, P. (2003). *Escola - Família, uma relação armadilhada: Interculturalidade e relações de poder*. Porto: Edições Afrontamento

*Exemplos de práticas relacionadas com esta Área de Foco e testadas no contexto do projeto EQUAP:*

TÍTULO DA PRÁTICA	TESTADO POR	ORIGEM
Pequeno-almoço com os pais	Município de Forli (IT)	Elmer (BE)
Comité de participação	Município de Forli (IT)	Elmer (BE)
Banco de horas	Colegio do Sardo (PT)	Município de Forli (IT)
Feira na escola	Colegio do Sardo (PT)	Vrtec (SI)
Os pais partilham emoções acerca das primeiras semanas na creche	Elmer (BE)	Município de Forli (IT)
Workshops criativos	Município de Linköping (SE)	Vrtec (SI)
Conselho de encarregados de educação	Município de Linköping (SE)	Liepaja (LV)
Fim de semana em família com o boneco vai-e-vem	Município de Forli (IT)	Colegio do Sardo (PT)
Festival da primavera	Município de Linköping (SE)	Vrtec (SI)